

O QUE VEMOS
QUANDO LEMOS



PETER
MENDELSUND

Para as minhas filhas

IMAGINAR A «IMAGEM»	1
FICÇÕES	5
ABERTURAS	57
TEMPO	67
NITIDEZ	133
REPRESENTAÇÃO	159
ESBOÇO	171
APTIDÃO	185
COCRIAÇÃO	195
MAPAS & REGRAS	227
ABSTRAÇÕES	239
OLHOS, VISÃO OCULAR & MEIO	261
MEMÓRIA & FANTASIA	293
SINESTESIA	305
SIGNIFICANTES	321
CRENÇA	337
MODELOS	359
A PARTE & O TODO	377
ESTÁ DESFOCADO	399

«A proposição é uma imagem da realidade.

A proposição é um modelo da realidade tal como nós a pensamos.»

Ludwig Wittgenstein,
Tratado Lógico-Filosófico

«Não me parece que alguma vez vá esquecer a primeira vez que vi Hercule Poirot. É claro que me habituei a ele mais tarde, mas, de início, tive um choque [...]. Não sei o que tinha imaginado [...]. É claro que eu sabia que ele era estrangeiro, mas não esperava que fosse assim tão estrangeiro como era, se é que me estão a entender? Quando o víamos, só tínhamos vontade de rir! Parecia saído do palco ou do cinema.»

Agatha Christie,
Crime na Mesopotâmia

«A escrita [...] é apenas outro nome para designar a conversação: Tal como ninguém, que saiba o que está a fazer, quando se vê em distinta companhia, se aventuraria a dizer tudo; — — também nenhum autor, que entenda os justos limites do decoro e da boa educação, se atreveria a pensar tudo: O mais verdadeiro respeito que podeis mostrar pelo entendimento do leitor é dividir as coisas a meio amigavelmente, deixando-lhe a ele algo que imaginar, por seu lado.»

Laurence Sterne,
A Vida e Opiniões de Tristram Shandy

«[...] Nada, nem a imaginação pode ainda/ continuar a iludir-me, elfo enganador.»

John Keats,
«Ode a Um Rouxinol»

IMAGINAR A
«IMAGEM»

Podia começar com Lily Briscoe.

Lily Briscoe («com os olhinhos chineses e o rosto enrugado») é uma das personagens principais no romance *Rumo ao Farol*, de Virginia Woolf. Lily é pintora. Pinta um quadro ao longo da narrativa: um quadro da senhora Ramsay sentada junto à janela, a ler para o seu filho James. Lily montou o seu cavalete no exterior, no relvado, e está a pintar, enquanto várias personagens deambulam pela propriedade.

Está nervosa por ser interrompida, por alguém perturbar a sua concentração quando se ocupa neste ato delicado. A ideia de alguém a fazer-lhe perguntas sobre o quadro é insuportável.

Mas o amável e oportuno senhor Bankes aproxima-se, examina o seu trabalho e pergunta-lhe o que queria ela dizer «com aquela forma triangular de cor púrpura, “ali mesmo”». (É suposto ser a senhora Ramsay e o filho dela, mas «ninguém iria tomar aquilo por uma forma humana».)

Mãe e filho, então — objetos da veneração universal e, no caso presente, a mãe era célebre pela sua beleza — poderiam, sem qualquer falta de respeito, considerava ele, ser reduzidos a uma sombra violácea.

Mãe e filho: reduzidos.

Nunca vemos este quadro (o quadro que Lily pinta no romance de Virginia Woolf). Só nos falam dele.

Lily pinta a cena que nos é pedida a nós, leitores, que imaginemos. (É-nos pedido que imaginemos as duas coisas: a cena e a semelhança do quadro.)

Este pode ser um bom ponto de partida: o quadro que Lily pinta; as suas formas, manchas e sombras. A pintura é a leitura de Lily do quadro vivo à sua frente.

Não posso ver a cena que Lily tenta capturar.

Não posso ver a própria Lily. Na minha mente, ela é um hieróglifo que mal se percebe.

A cena e os seus ocupantes estão desfocados.

Estranhamente, o quadro parece mais... nítido.

FICÇÕES



«Encheu-se-lhe a imaginação de tudo o que lia nos livros...»
(Dom Quixote na sua biblioteca)

O que vemos quando lemos?

(Além de palavras numa página.)

O que imaginamos nas nossas mentes?

**Há uma história
que se chama
«Leitura».**

**Todos conhecemos
esta história.**

**É uma história
de imagens e de
imaginação.**

A história da leitura é uma história recordada. Quando lemos, estamos imersos. E, quanto mais imersos estamos, menos capacidade temos, no momento, de voltar a atenção das nossas mentes analíticas para a experiência em que estamos absorvidos. Deste modo, na verdade, quando discutimos a sensação de ler, é da memória de termos lidos que estamos a falar.*

E esta memória da leitura é uma memória falsa.

* William James descreve a tentativa impossível de examinar introspectivamente a nossa própria consciência como «tentar acender a luz suficientemente depressa para vermos qual o aspeto da escuridão».



Quando recordamos a
experiência de ler um livro,
imaginamos um desdobrar
contínuo de imagens.

Por exemplo, lembro-me de ler
Anna Karénina, de Lev Tolstoi:

Vi Anna; vi a casa de Anna [...].



1



2

O que QUANDO

ELSIN

Producers

MMV TODOS OS DIAS

Imaginamos que a experiência de leitura
é semelhante à do visionamento de um filme.

VEMOS
O LEMOS!

NORE

Elitère
DIREITOS RESERVADOS

Mas não é o que acontece:
a leitura não é isso nem *se assemelha a isso*.

Se lhe pedisse: «Descreva Anna Karénina», talvez o leitor referisse a beleza dela. Se leu com atenção, referirá as suas «densas pestanas», o seu peso, talvez mesmo a penugem do seu pequeno buço (sim, está no livro). Matthew Arnold destaca «os ombros de Anna, os seus cabelos compridos e os seus olhos semicerrados».

Mas qual é a aparência de Anna Karénina? É possível sentir que conhece intimamente uma personagem (as pessoas gostam de dizer, em relação a uma personagem muito bem descrita, «é como se a conhecesse») sem que isso signifique que está de facto a visualizar uma pessoa. Nada tão firme; nada tão total.



PROCURADA



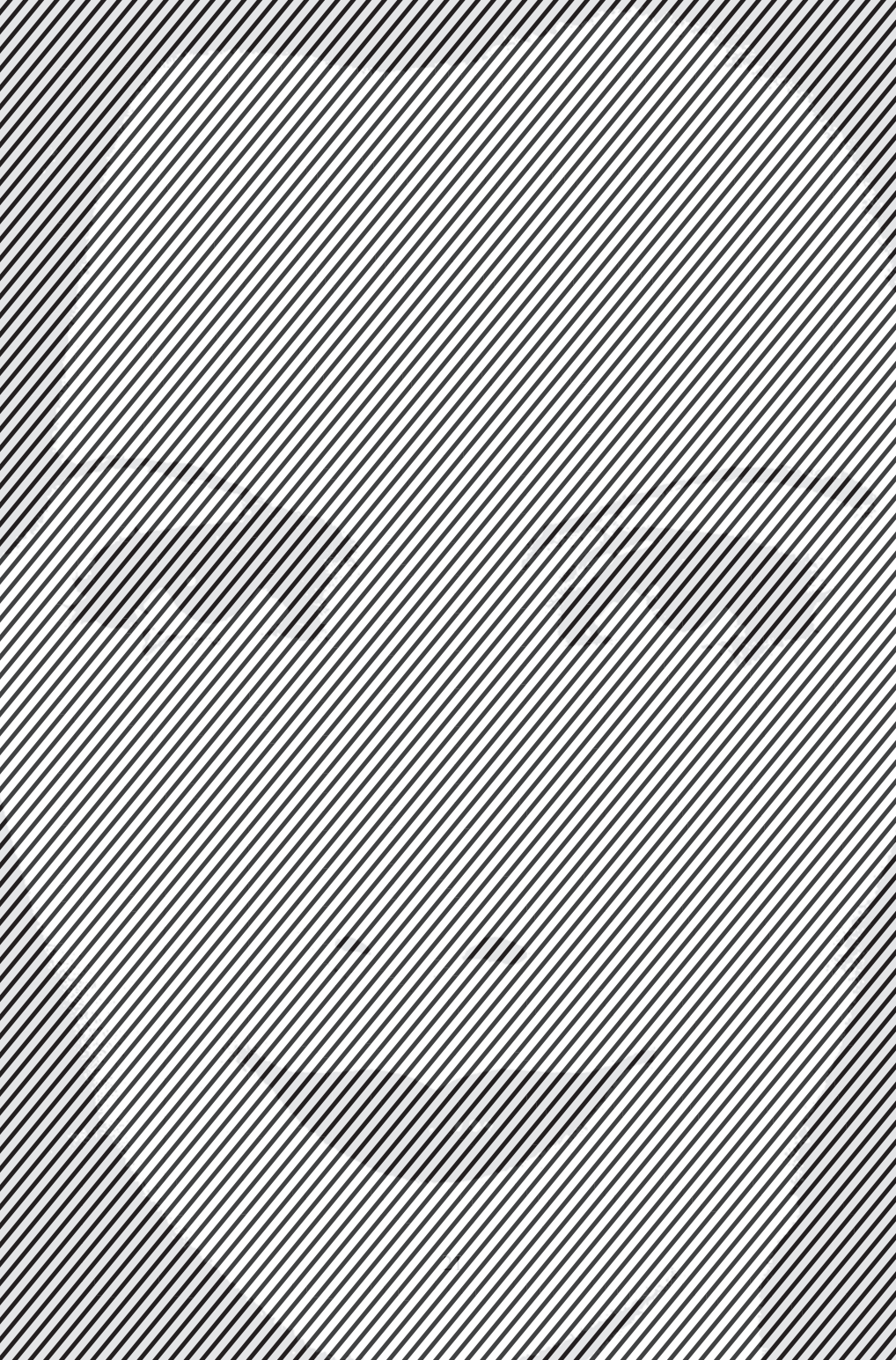
Anna Karénina, representada por um programa de reconhecimento facial da polícia, a partir das descrições no texto de Tolstoi. (Sempre imaginei o cabelo dela mais encaracolado, mais escuro...)

A maioria dos autores (consciente ou inconscientemente) atribui às suas personagens mais descrição comportamental do que física. Mesmo quando um autor é exímio na descrição física, deixa-nos com uma mistura desajeitada de partes corporais desgarradas e pormenores aleatórios (os autores não nos podem dizer *tudo*). Nós preenchemos as lacunas. Matizamos-las. Damos-lhes luz. Elidimos. Anna: o seu cabelo, o seu peso, são apenas facetas, não fazem uma imagem completa de uma pessoa. Fazem um tipo de corpo, uma cor de cabelo... *Qual é a aparência de Anna?* Não sabemos: os nossos esboços mentais das personagens são piores do que os retratos-robô da polícia.

Visualizar parece exigir vontade...

... mas por vezes parece que um certo tipo de imagem nos surge de modo espontâneo.

(É ténue e retira-se, tímida, se for analisada.)





Questiono os leitores. Pergunto-lhes se conseguem imaginar com clareza as suas personagens preferidas. Para estes leitores, a uma personagem querida «a imaginação dá corpo», parafraseando William Shakespeare.

Estes leitores afirmam que o êxito de uma obra de ficção assenta na autenticidade putativa das personagens. Alguns leitores vão mais longe e sugerem que gostam de um romance apenas se a personagem principal for facilmente visível:

— Conseguem visualizar, na vossa mente, como é a aparência de Anna Karénina? — pergunto.

— Sim — respondem. — Como se estivesse aqui à minha frente.

— Como é o nariz dela?

— Não tinha pensado nisso, mas, agora que o faço, ela seria o tipo de pessoa que tem um nariz como...

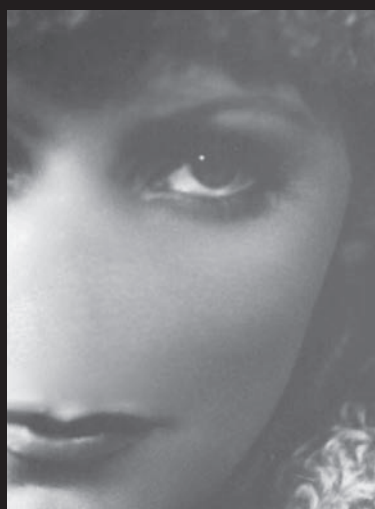
— Mas como é que a imaginava antes de eu ter perguntado? Sem nariz?

— Bem...

— Ela tem sobrancelhas carregadas? Franja? Onde é que ela apoia o peso? Tem os ombros descaídos? Tem rugas de expressão?

(Só um escritor muito aborrecido vos diria tanto sobre uma personagem.*)

* Apesar de Tolstoi não se cansar de referir as «mãos descarnadas» de Anna. O que significa esta descrição emblemática para Tolstoi?



Há leitores que juram conseguir visualizar estas personagens na perfeição, mas apenas enquanto estão a ler. Duvido disso, mas interrogo-me agora se as nossas imagens das personagens serão vagas por, em geral, as nossas memórias visuais serem vagas.

Um exercício mental: imaginem a vossa mãe; agora imaginem a vossa personagem literária preferida. (Ou imaginem a vossa casa; depois imaginem Howards End.) A diferença entre a imagem residual da vossa mãe e a da personagem literária que adoram é que, à medida que se concentram mais, a vossa mãe fica mais focada. Uma personagem não se revelará tão facilmente. (Quanto mais atentamente olharem, mais ela se afastará.)

(Na verdade, é um alívio. Quando imponho um rosto a uma personagem de ficção, o resultado não é de reconhecimento mas de dissonância. Acabo a imaginar alguém que conheço.* E então penso: *Esta não é a Anna!*)



* Tive recentemente a experiência de ler um romance em que pensei que tinha «visto» claramente uma personagem, uma mulher da sociedade com «olhos muito espaçados». Quando analisei a minha imaginação, descobri que estivera a imaginar o rosto de uma das minhas colegas de trabalho implantado no corpo de uma amiga idosa da minha avó. Quando *foquei* a minha atenção, não era uma visão agradável.

Quando peço a alguém para descrever a aparência física de uma personagem central do seu livro preferido, é frequente dizerem-me como esta personagem se desloca no espaço. (Muito do que acontece na ficção é coreográfico.)

Um leitor disse-me que Benjy Compson de *O Som e a Fúria*, de William Faulkner, era «pesado, descoordenado...»

Mas como é a *aparência* dele?

THE SOUND
AND THE
FURY
✕
WILLIAM
FAULKNER

THE SOUND
AND THE FURY
WILLIAM FAULKNER



STANTON CAFE
HARRISON SMITH

As personagens literárias são fisicamente vagas (têm apenas algumas características, e essas características parecem ter pouca importância) ou, melhor, essas características importam apenas na medida em que ajudam a aperfeiçoar o *significado* de uma personagem. A descrição das personagens é uma espécie de circunscrição. As características de uma personagem ajudam a traçar os seus limites, mas não nos ajudam verdadeiramente a imaginar uma pessoa.*

É exatamente o que o texto não esclarece que se torna um convite à nossa imaginação. Então, pergunto-me: será que imaginamos mais, ou mais vividamente, quando um autor é mais elíptico ou mais contido?

(Na música, as notas e os acordes definem as ideias, mas também as *pausas*.)

* Ou será que a *amplitude* não é um fator importante na identificação de algo?

O que vemos quando lemos? Tolstoi chegou a descrever Anna Karénina? Herman Melville alguma vez nos revelou a aparência exata de Ismael?

O conjunto de imagens fragmentadas numa página — uma orelha elegante ali, uma madeixa rebelde acolá, um chapéu posicionado de determinada maneira — e outras pistas e significantes ajudam-nos a imaginar uma personagem. Mas, na verdade, a sensação de conhecermos intimamente uma personagem tem pouco que ver com a nossa capacidade de imaginarmos as figuras literárias que amamos (ou odiamos).

O Que Vemos Quando Lemos é uma exploração singular e deslumbrante da fenomenologia da leitura, mostrando-nos como formamos imagens a partir da leitura de obras literárias, e como essas interpretações transformam a própria obra.

Peter Mendelsund, um dos mais conceituados *designers* editoriais contemporâneos, combina uma carreira artística premiada com a sua primeira paixão, a literatura, num dos mais provocadores e invulgares exercícios acerca da forma como compreendemos o ato de ler.

«UM TRATADO ILUSTRADO E DIVERTIDO que explora os desafios particulares de transformar palavras em imagens, numa combinação de ilustração com filosofia, crítica literária e teoria do *design*.»

THE NEW YORK TIMES

ELSINORE entre nós e as palavras 20 20 editora	ISBN 978-989-668-195-1  9 789896 681951 Arte/Literatura
YOU ARE WELCOME TO WWW.ELSINORE.PT	